1
Introdução

São muitas as cidades cujo crescimento foi transportado para páginas ilustres sob forma de uma nova sensibilidade, sob a ótica de um novo indivíduo. A Paris de Baudelaire, a Londres de Poe, o Rio de Janeiro de Machado, de Macedo, de João do Rio e (não poderia deixar de ser) de Nelson. Inúmeros autores fizeram da cidade a morada literária, rica em detalhes descritivos e sensitivos, versaram sobre as angústias e prazeres a que ficavam submetidos nela, assumindo o papel de repórteres do tempo e de experiências. Esses relatos de experiências vividas, ou não, pelos escritores deixam em suas palavras impressões inerentes de sua personalidade, características que fazem com que o leitor se aproxime e se identifique com a sua obra. Como metonímias do homem que passava a responder por "indivíduo", "transeunte", "cidadão", etc., suas personagens viam surgir diante de si, não sem espanto, desconforto ou constrangimento, os novos papéis e tensões sociais.

A questão urbana despontava como um rico objeto, uma vez que o Estado moderno, na sua emergência e consolidação, instituiu complexos sistemas de controle e disciplinamento, traçando novos mapas de orientação sociocultural, por sua vez associados a modelos de convivência e sociabilidade.

A relação entre experiência urbana e criação literária aparece de forma relevante na literatura ocidental contemporânea. Desde pelo menos a metade do século XIX, a cidade surge como um dos temas nucleares do pensamento do ocidente. Estudiosos tomam a cidade não somente como meio ambiente, como entorno, mas também como algo internalizado pelos indivíduos, constituindo estilos diversos de vida específicos do homem urbano.

Imerso na observação e crítica da urbes, encontramos Nelson Rodrigues que toma o Rio de Janeiro como modelo dessa modernidade que invade e rasura, que tanto constrói quanto destrói. O Rio das vitrines e dos automóveis é também o dos marginais, dos boêmios. Nelson revela em suas crônicas, contos, folhetins e romances o outro lado do cartão postal. Seu cenário é o Rio de Janeiro dos anos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

50. Uma cidade em que mulheres maravilhosas flertavam nos ônibus e bondes; em que poucos tinham carro,quando tinham, era um Buick ou um Cadillac; em que os vizinhos vigiavam-se uns aos outros; e em que maridos e mulheres viviam sob o mesmo teto com as primas e os cunhados, numa latente volúpia incestuosa. Uma cidade em que, como não havia motéis, os encontros amorosos aconteciam em apartamentos emprestados por amigos – em que o pecado, de tão difícil de ser enredado, tornava-se uma obsessão. O autor nos oferece uma visão dos aspectos mais sensíveis (e por isso menos visíveis) da urbanização do espaço e de seus habitantes. A minúcia com que são alinhavados detalhes referentes a essa temática revela o que chamamos de temperamento urbano rodrigueano. O estranhamento com que ele se posicionava diante do observado fez com que, em seus textos, a modernidade ganhasse contornos humanos em expressões, gestos, e valores que transitavam nas ruas. Além disso, a identificação de Nelson como um autor carioca, imerso na observação se relaciona com as inúmeras representações sobre a vida urbana no Rio de Janeiro. Ele é o investigador da cidade que, com sua luneta, amplia significações urbanas, ressignifica o saber integral da cidade, invade seu perto e o seu longe, o seu presente e o seu passado.

Interessante também é entendermos que essa cidade traçada por Nelson é tanto real quanto imaginada, estabelecendo duas categorias de leitura: as que provêm de um contato inusitado com a cidade, na contemplação do instante presente; e uma outra que imbrica a experiência presente de vida urbana em contato direto com o passado, a história, a memória , ou, de outra forma, com a visão de cena urbana que ocorre cotidianamente.

Nessa linha, fomos delineando o corpus do trabalho: tínhamos que sair do campo das divagações e deslumbramento literário para efetuar alguns cortes, retirar algumas páginas e realizar escolhas efetivas. Resolvemos, então, recolher a cidade rodrigueana narrada nos contos, folhetins e crônicas, abandonando sua obra teatral. Desse conjunto de textos, alguns adquiriram relevo e importância pela demonstração de aspectos que nos chamavam mais atenção, que de certo modo nos provocavam, como se nos solicitassem uma reflexão apurada pelo sentimento de perplexidade e encantamento que nos despertavam.

Dentro dessa perspectiva, buscamos representações que se referissem ao passado, à infância do autor na Aldeia Campista, Zona Norte do Rio de Janeiro. A cidade como era, das relações ordenadas, em que havia ênfase nos valores. Essa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

cidade que serve para outra representação, a cidade contemporânea de Nelson, de sua vida adulta, cidade vivida e observada por ele nas ruas, no Maracanã, no cotidiano do espaço público. Do mesmo modo, procuramos representações da cidade nas relações afetivas mais íntimas do espaço privado. Todas essas representações, analisadas em conjunto, são reveladoras da visão de mundo do autor e de sua caracterização da cidade como palco privilegiado para a encenação dos dramas humanos. Assim, fomos aglutinando textos com as várias vozes rodrigueanas, vozes que nascem dele mesmo e das ruas por onde passava.

E, afinal, tendo a prosa rodrigueana como corpus e o espaço urbano como corpo, definimos a elaboração do processo.

No primeiro capítulo, para que possamos ver na literatura rodrigueana a sociedade dentro da qual foi produzida, discorremos sobre a conjuntura histórica na qual viveu o autor e os traços de modernidade que impulsionavam sua obra, de modo a pensar suas descrições urbanas como parte de um processo muito mais amplo que envolve marcas de rasura impostas pelas novas formas de sociabilidade. Para isso é preciso um olhar para o urbano como uma invenção social na cidade e não como um fenômeno natural. O urbano, assim constituído, deixa de ser um amontoado de casas, templos, monumentos, prédios que definem a cidade e passa a pertencer à teia discursiva do moderno. Ainda neste capítulo, apresentamos como Nelson Rodrigues olha a realidade pelo "Buraco da Fechadura" e sua peculiar maneira de transformar o cotidiano em absurdos, colocando em evidência a intimidade do homem e, dessa forma, desvelando as ambigüidades entre o público e o privado.

A vida como ela é... é o tema do segundo capítulo. Ali procuramos mostrar que, em sua obra, a cidade assume, com seu espaço físico, papel de protagonista e iniciamos a composição da crônica da cidade exposta através de seus contos, folhetins e crônicas. Esse corpo vivo, criado pela ficção rodrigueana nos revela o perfil urbano universal, mesmo que seu lócus narrativo esteja no Rio de Janeiro. Os contos de *A vida como ela é...* marcam novos espaços, atribuem diferente identidade, formada a partir das novas formas de convivialidade. Além desses aspectos, passeiam nesse capítulo personagens femininas que apontam para as mudanças que se operam em seu repertório de comportamento, por um lado naturalizando a condição feminina e, por outro, apontando a ruptura da natureza da mulher.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

O terceiro capítulo, na realidade é um entretextos (uma pausa no aspecto de continuidade temática, sem, contudo, caracterizar interrupção abrupta da progressão do trabalho) através do qual buscamos rápida visita aos folhetins, para pincelar o momento em que cidade e mulher produzem um discurso, ousaremos dizer uníssono, a respeito das rachaduras nos telhados e vidraças produzidas, ainda, pelo feminino nas várias representações que enlaçam experiências da vida social.

No quarto capítulo, Cidade e Memórias de Nelson Rodrigues: a menina sem estrela, procuramos discorrer sobre os efeitos dessa crônica da cidade produzida mediante narrativas que contribuem para que leitores, de diferentes grupos sociais, percebam que suas memórias não são inerentes apenas a ele, mas a uma época . Assim, pelas memórias, são capazes de ingressar em enredos passados, que lhes sendo estranhos se tornam familiares. São longos passeios, através das letras e dos locais preservados pela memória, e por ela reconstruídos, ora com toques de imaginação, ora com reverência à tradição, ora com paradoxal ressentimento em relação ao implacável movimento do tempo e da urbe.

No quinto capítulo, temos o Maracanã, a cidade dentro da cidade, a cidade em chuteiras, bola e calções, o escrete abolindo nosso viralatismo e, o mais relevante, a multidão produzindo o grande espetáculo urbano da aglomeração, do agrupamento e, ao mesmo tempo, da fragmentação. Para seu desenvolvimento, dividimos em três tempos: o Primeiro tempo, em que buscamos mostrar um pouco da chegada do futebol ao Brasil e sua influência na formação da identidade brasileira; no Intervalo, tentamos delinear a influência do futebol na composição do pensamento rodrigueano sobre a natureza humana face à multidão; e, por fim, no Segundo tempo, nosso olhar recai sobre o Maracanã como espaço que revela a urbe na sua diversidade e heterogeneidade.

Nesse entrecruzamento de textos, percorrendo neles a imaginação rodrigueana em chamas de obsessões, tentamos traçar a crônica de uma cidade que, na verdade se passa em dois únicos territórios que não conhecem lugar ou época: os corpos e almas de seus protagonistas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA